

Nº 121 / Abril 2004

No transacto dia 3 de Março, após ter cumprido o seu tempo de serviço, Filipe P. Oliva, responsável pela Área de Leitura Especial da Biblioteca Nacional (ALE), passou à situação de aposentado.

É inegável que a passagem deste técnico e intelectual tiflólogo deixou marca indelével ao longo do frutuoso percurso da sua carreira profissional, quer na Biblioteca Nacional, quer a nível exterior.

Foi com ele que a ALE, então Serviço para Cegos desta Biblioteca, começou a sua caminhada efectiva desde 2 de Dezembro de 1969. Está, pelo seu escopo, corporizada actualmente uma iniciativa que prestou e continua a prestar assinalável contribuição no que respeita ao enriquecimento cultural de muitos deficientes visuais de Portugal e mesmo do mundo. A ele se deve a criação do boletim "Ponto e Som", instrumento de difusão, cultura e informação da ALE, cujos trinta anos se comemoram com o presente número, e ainda a instituição do corpo de voluntariado deste Serviço.

Filipe P. Oliva não se conformou em fazer da ALE um mero departamento de leitura, mas executou também acções concretas que o protagonizaram na estimulação e no desenvolvimento tecnológico da leitura e da escrita relativamente a este vasto extracto social. São exemplo do primeiro caso os jogos florais e concursos que promoveu e do segundo os simpósios "Jornadas Braille", em 1981, e "Os Deficientes Visuais e a Leitura", em 1999, este último comemorativo dos trinta anos de existência da Ale e vinte anos de "Ponto e Som".

A ele coube também por bastas vezes representar a Biblioteca Nacional e outros organismos de deficientes visuais junto de entidades estrangeiras e internacionais.

Quem dos nossos leitores não conhece, além de outros escritos saídos do seu engenho literário e imaginativo, os objectivos e oportunos editoriais que, através das sucessivas edições de "Ponto e Som", foram dados à estampa, relatando eventos e efemérides de relevância nacional e mundial?

Mas a infatigável pena de Filipe P. Oliva também deixou marcas nas muitas conferências que proferiu, fora e dentro da Biblioteca Nacional, e bem assim na abundância de artigos que, como exímio investigador da problemática da cegueira, publicou em revistas deste âmbito, principalmente quando da celebração de efemérides, quer de eminentes figuras, quer de eventos relevantes da tiflogia.

**Acresce ainda salientar que a sua profícua acção interventora não se confinou a estas realizações. Ela foi fulcral na criação da Comissão de Leitura para Deficientes Visuais e contribuiu para a sua actividade; foi marcante na institucionalização e incremento do Prémio Branco Rodrigues, para além de ter sido relevante no evoluir do associativismo e determinante na actividade da Comissão de Braille, que se deseja venha a ser brevemente reinstituída.**

**Filipe P. Oliva deixou a ALE fisicamente; todavia, estamos convictos de que continua umbilicalmente a ela ligado e de que continuará a colaborar connosco para o seu engrandecimento, como sublinhou aos seus colaboradores antes de partir, evidenciando inequivocamente que ainda dispõe de muito fulgor para continuar a dignificar com elevada competência a tiflologia nacional.**

**Na certeza de que partilha os desejos dos seus leitores e admiradores, a ALE presta homenagem a Filipe P. Oliva, exprimindo o seu reconhecimento por tudo quanto fez a favor da pessoa com deficiência visual, deseja-lhe profícuos êxitos nesta nova etapa da sua vida, reiterando-lhe que será sempre bem-vindo à Biblioteca Nacional e ao departamento que materializou, os quais lhe ficam a dever muito do prestígio que detêm na comunidade deficiente visual.**

Nº 122 / Julho de 2004

**Com 66 anos de idade, morreu em Paris, no passado dia 28 de Maio, José Augusto Seabra.**

**Figura intelectual de primeiro plano, repartiu a sua vida activa por diversas áreas onde, suportado por um elevado nível cultural, deixou - nítida - a marca da sua presença. Foi diplomata bem conceituado, académico apreciado pelos seus pares e alunos e poeta de mérito.**

**Portuense por nascimento, exilou-se em França, quando era ainda estudante, evidenciando a sua faceta de combatente e de resistente à ditadura salazarista.**

**De lá regressou a Portugal somente depois de 1974 e, desde então, realçou as suas características de activista político, notabilizando-se como deputado na Assembleia Constituinte, integrando as listas do PPD, e, mais tarde, na Assembleia da República, tomando parte na bancada do PPD/PSD.**

**posteriormente, após ter sido Ministro da Educação do nono Governo Constitucional, assumiu as funções de Embaixador de Portugal junto da UNESCO.**

**O desaparecimento físico do Homem, do Académico, do Poeta, do Político, suscita, pois, a nossa atenção e merecedora homenagem, não pelo natural facto em si, mas antes pela recordação impressionante que deixou aquando da sua passagem pelo Ministério da Educação, onde, como tantos outros, sofreu o desgaste inerente ao desempenho das funções ministeriais, mas também pela elevada dimensão e brilhantismo patentes nos outros planos da sua actividade, nomeadamente enquanto diplomata ao serviço de Portugal.**

Nº 123 / Outubro de 2004

Teve lugar nos transactos dias 24 e 25 de Junho o Congresso "100 Anos de Tiflogia em Portugal", iniciativa que se deveu à Câmara Municipal de Lisboa (CML), através do respectivo Sector de Bibliotecas e Arquivos, com a Coordenação do Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo.

A CML, pioneira de múltiplas acções em favor da pessoa com deficiência, designadamente da pessoa deficiente visual, quis com este evento congregar toda uma plêiade de especialistas e entusiastas da problemática da cegueira, a fim de que estes discorressem exaustivamente sobre as incidências de percurso da vida dos deficientes visuais portugueses ao longo dos últimos cem anos, em ordem a preparar um melhor futuro para os vindouros afectados por esta deficiência.

Foi deste modo que se trouxeram à colação, para serem discutidos e analisados, 28 diversificados temas distribuídos por 7 áreas abrangentes do cenário tifológico, desde a Formação Profissional, Emprego e Reabilitação ao Ensino, da Formação Musical às Novas Tecnologias, não descurando reflexões sobre o enfoque que é actualmente atribuído ao envolvimento da pessoa deficiente visual no seio das sociedades modernas tendencialmente inclusivas.

A Ale esteve activamente empenhada com a sua presença neste momentoso acontecimento e reconhece ter estado perante um acto que pode significar um virar de página promissor e marcante que futuramente se reflectirá na melhoria da qualidade de vida das pessoas visadas, até porque, a atestá-lo, e para julgamento da posteridade, a par da publicação das Conclusões e Recomendações deste evento, serão metodologicamente alinhados em livro próprio e em suporte informático os temas ali tratados.

O rosto visível desta realização pertence evidentemente à edilidade lisboeta, e nessa medida a Ale manifesta o seu mais caloroso aplauso ao seu eminente colaborador e amigo, o Prof. Dr. Augusto Deodato Guerreiro, que, na qualidade de quadro superior da CML, meteu ombros a esta auspiciosa iniciativa que, sem o seu peculiar dinamismo, não produziria o indiscutível êxito que já lhe é reconhecido.

## Nº 124 / Janeiro de 2005

Em 1994, integrando-se no evento cultural A FESTA DO LIVRO, o Centro Nacional de Cultura (CNC), em colaboração com os serviços e organizações tiflológicas, concebeu e levou a efeito um programa promotor da leitura para deficientes visuais, designado por PROJECTO TODOS PODEM LER. Para concretizar esse programa, foi realizada na sede do CNC uma exposição de materiais audiotácteis, englobando todas as ajudas técnicas ao tempo disponíveis decorrendo, em simultâneo, uma campanha de sensibilização, visando constituir uma carteira de voluntários disponíveis para colaborar na produção do livro braille e do audiolivro.

Desde então, a Área de Leitura Especial da Biblioteca Nacional, que já antes havia contado, embora não permanentemente, com a prestimosa disponibilidade de voluntários, tem conhecido um aumento apreciável de tais colaboradores - actualmente variável entre uma dúzia e dúzia e meia -, que assiduamente prestam, a título gratuito, uma ajuda preciosa na constituição das nossas colecções bibliográficas.

Percorridos 10 anos e observando, ainda que sumariamente, o que ao longo dos mesmos sucedeu, temos que reconhecer que o produto resultante da actividade do voluntariado é francamente positivo. Durante este período temos podido contar com a regular colaboração de uma equipa dedicada de voluntários, sem a qual não teria sido possível atingir o volume e qualidade de realizações a favor das necessidades culturais dos deficientes visuais.

Dos voluntários iniciais uma boa parte há que ainda mantém a sua colaboração; houve porém outros que, pelas mais diversas razões, foram forçados a desistir; mas, em compensação, outros houve que, entretanto, se juntaram a nós, equilibrando os efeitos de tais ausências. A todos estes a ALE - julgando interpretar o sentir dos seus utilizadores -, está grata pelo seu significativo contributo para a promoção cultural dos deficientes visuais portugueses.

E se aos vivos manifestamos o nosso bem hajam, aos que nos deixaram definitivamente prestamos a nossa sentida homenagem e respeitosa recordamos, reconhecendo o mérito da sua solidariedade nunca negada a todos os que dela careciam. Foram precisamente duas dessas nossas prestimosas colaboradoras que, desfrutando da sua amizade pessoal, se aproximaram de nós e que já desapareceram do convívio dos viventes no espaço de pouco mais de um ano.

Foi assim que, em Agosto de 2003 sucumbiu Helena Alves Pereira, que colaborou na produção de vários livros braille, permanecendo também para a posteridade o empréstimo da sua voz na produção do audiolivro "Os Meus Poemas" de Albina Dias; em Dezembro de 2004 deixou-nos Elisa Pessoa Jorge, que além de ter colaborado na preparação de matrizes para livros

Braille, deu voz na produção de vários audiolivros, entre os quais assinalamos "Vindima" de Miguel Torga, "Não Matem a Cotovia" de Harper Lee, "A Abelhita Curiosa", que é de sua autoria.



## EDITORIAL

Nº 125 / Abril de 2005

Pelo interesse que nos suscita, e em que desejamos envolver os nossos leitores, vertemos abaixo, com as necessárias adaptações, o teor da seguinte notícia:

"No passado dia 21 de Janeiro teve lugar na Academia Portuguesa de História, em Lisboa, o lançamento do livro "uma Luz na História", dedicado à vida e Obra de Joaquim Guerrinha.

"Este incansável lutador pela causa dos cegos, que viveu entre 1913 e 1976, teve sentida homenagem, pensada e preparada por sua filha e autora do livro em referência Dalila de Jesus guerrinha, acontecimento que foi enquadrado nas comemorações do Ano Europeu das Pessoas com Deficiência - 2003".

a propósito deste acto, refere Dalila Guerrinha: "Pretendi, no Ano Europeu das Pessoas com Deficiência, fazer uma homenagem póstuma a meu pai, que era cego e que, pelo seu impulso criativo e pela luta associativa que travou, foi uma referência na causa dos cegos em Portugal, dignificando não só a Instituição em que cresceu e foi educado, o Instituto de Cegos Branco Rodrigues, como também o país que o viu nascer.

"2003 teria sido a meta ideal para a publicação desta obra, mas tornou-se um sonho inatingível e, nesse sentido o meu objectivo inicial não foi alcançado.

"Mas... continuei a trabalhar com o mesmo ardor e entusiasmo. Confiei, contudo, na boa fé tanto de familiares e amigos como das instituições que patrocinaram o livro e a quem o prometera em 2003... Perdoariam e saberiam esperar por 2004, certa de que o livro, entretanto, não perderia o seu valor intrínseco, antes se articularia, com acrescido ânimo e, pelo mérito próprio de Joaquim Guerrinha, à comemoração dos *100 Anos de Tiflogia em Portugal!*

"Mas quem era, afinal, Joaquim Guerrinha?

"Era alentejano - Freguesia e Concelho de Sines. Cegou em criança e como cego estudou. Batalhador e determinado, muito cedo concluiu os seus estudos Superiores no campo musical e, com a mesma força interior, lutou pela sua integração na Sociedade e pela de todos os deficientes visuais, assumindo em plenitude a vida associativa: dirigiu durante largos anos a Associação de Beneficência Luís Braille e, Quando tinha 38 anos, era um dos fundadores da Liga de Cegos João de Deus - Associações estas que foram fundidas na ACAPO.

"Foi noticiado na Imprensa da época e amplamente aplaudido por portugueses e estrangeiros pela carreira brilhante de músico-concertista, honrando a sua terra fora do Alentejo.

"Foi o pianista do *Sexteto de Artistas Cegos* da Emissora Nacional durante 33 anos.

"A instrução e a cultura foram uma bandeira que impôs para a sua vida, o que aliás defendeu sempre como sendo a única via para a emancipação da pessoa cega. Paralelamente, as profundas convicções políticas que o nortearam de mistura com o pensamento esotérico modelaram-lhe o carácter e foram um incentivo para que jamais parasse de lutar e de trabalhar, sempre na certeza de *que querer é poder*.

"Conferencista habitual em temáticas tiflológicas, foi autor de artigos que levou ao prelo, de ensaios, de contos, de poemas e de cartas de amor, perenes de emoção e de espiritualidade.

"Do seu perfil psicológico ressaltava uma genuína bondade, um sorriso bonacheirão, um querer bem a toda a gente... num amor incondicional... Perdia-se pelos amigos... dava-se inteiramente!

"Fazia "das tripas coração" para levar a vida para a frente e, nos momentos mais difíceis, que foram tantos!... dizia com serenidade: "Alma até Almeida!"".

Complementando esta notícia editorial - de inteira responsabilidade da Autora do livro ora dado à estampa -, queremos manifestar o nosso apreço por vermos assim reconhecidos publicamente os méritos de um Homem (com deficiência visual) que colocou o seu saber ao serviço da causa tiflófila portuguesa. *Uma Luz na História* (documento cujo cotejo recomendamos vivamente a todos os que se interessam pelo evoluir da vida dos cidadãos deficientes visuais nas suas múltiplas vertentes) ganha, como realçou o Professor Doutor Augusto Deodato Guerreiro ao fazer a apresentação do livro, a posição de primeiro título, neste âmbito, a ser publicado, e, assim sendo, alimentamos a esperança de que ele constitua um incentivo para que outros, considerando o alto significado deste meritório exemplo, prossigam nesta senda de inovação e tragam à luz do dia o nome de Homens e Mulheres que no passado tudo fizeram para que em Portugal os cidadãos com deficiência visual usufruam uma vida digna, atinjam, enfim, a condição de plena cidadania.

Assis Milton Ovídio Rodrigues nasceu a 27 de Agosto de 1942, na Cidade de Pangim, capital de Goa, tendo aí frequentado a escola primária. Desta se ausentou depois, para, em Bombaim, ir estudar na St. Stenislus High School, de onde regressou à terra que o viu nascer, em 1956, quando tinha já 14 anos de idade. De novo em Goa, ingressou na People's High School, que foi forçado a abandonar, quando frequentava o sexto ano, por a perda de visão se ter agravado de tal modo, que já não lhe era possível ler e escrever.

Anexada Goa à União Indiana, Assis Milton, vindo para Portugal, deu início à viagem que o levou (ao longo dos anos, é certo), à África, às Américas e à Ásia, não esquecendo a Europa, que percorreu largamente.

Fixando-se em Lisboa, portanto, nos princípios da década de sessenta, fez a sua reabilitação na Fundação Raquel e Martin Sain, onde conheceu Maria Júlia (a mulher com quem casou em primeiras núpcias), que lhe deu dois filhos: Aquilino Rodrigues e Alexandre Rodrigues. Mantendo-se ligado a esta fundação, frequentou o Curso dos Liceus na Liga de Cegos João de Deus e, após a sua conclusão, ingressou na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, onde deu início à frequência do primeiro ano do curso de Filologia Germânica, que interrompeu, em 1969, para partir, de novo - desta vez rumo à cidade da Beira, em Moçambique. Fixando-se nesta Cidade, nela fundou, em 22 de Julho de 1969, o Instituto Assis Milton - primeira Instituição Moçambicana vocacionada a prestar apoio aos deficientes visuais, no domínio da educação, reabilitação e formação profissional. Com este acto de querer e crer, estava dado o mote que iria marcar, em permanência, o seu modo de estar no mundo.

Partira de Lisboa, desavindo com a Directora da Fundação que o habilitara para a vida activa, mas, como Homem pensante e hábil que sabia diferenciar o bem do mal, foi tentar alastrar a outras paragens o que de bom se realizava entre nós, visando a promoção das pessoas com deficiência visual. Assim, em 1971, ao passar por Luanda, fomentou activamente as novas teorias relativas à deficiência visual, fazendo sentir a premente necessidade de aí se criar uma Instituição Tiflológica, facto que veio a influenciar significativamente fundação do Instituto Óscar Ribas, e em 1980 - já definitivamente em Lisboa - fundou a APEDV (Associação Promotora de Emprego para Deficientes Visuais), entidade que, ao longo de um quarto de século, tem contribuído, em boa medida, para a formação profissional das pessoas com deficiência visual e respectiva colocação no mercado do trabalho, colmatando, em parte, o vazio deixado pela inoperância instalada nos Centros, que, do início dos anos sessenta a

a974, haviam dado um forte impulso à promoção socioprofissional dos seus formandos.

**Regressado à Europa em 1976, devido ao clima sócio-político instalado em Moçambique, obteve, em Inglaterra, formação superior na área da deficiência visual; foi docente no então Instituto António Aurélio da Costa Ferreira em 1979-89, participou em vários Congressos e Seminários sobre a formação profissional, reabilitação e emprego de deficientes visuais, Publicou vários artigos na imprensa nacional e estrangeira e, coroando a sua actividade intelectual, publicou o livro “Estrelas no meu Céu Escuro”, cujo lançamento teve lugar no dia 30 de Setembro de 2005, durante o Seminário Comemorativo dos 25 anos de existência da APEDV, que se realizou nas instalações da Biblioteca Nacional de Portugal.**

Interpenetrando com as realizações operadas a favor das pessoas com deficiência visual, Assis Milton Ovídio Rodrigues (*AMOR*, como gostava de referir) retomou os estudos na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, tendo concluído, **em 1984, a Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, e foi nesta fase de vida estudantil que se enamorou por uma colega (de nome Maria da Conceição) com quem, casando em segundas núpcias, construiu uma vida de amor que lhe**

**enriqueceu a paternidade, dando-lhe duas filhas** (Dânia e Daniela). ASSIS amou a vida, a família, os amigos. Era Homem de fino trato, marcadamente afável. Era um excelente cultor de boas relações entre os Homens. Durante a vida gerou factos e situações dignos de aplauso, de consensualidade e tolerância, foi motivo de discordâncias, oposições conflitos. Contudo, soube sempre granjear e manter o merecido apreço que genericamente por ele se tinha. A vida teve fases dolorosas, que partilhou com amigos (designadamente a que se seguiu à descolonização e a que rodeou o seu divórcio); porém, globalmente, ela foi-lhe pródiga em felicidade.

**Assis Milton, após doença prolongada, partiu, na viagem que o leva não sabemos onde, no dia 20 de Março de 2006, reunindo, na hora da partida, em torno de si, uma multidão de familiares, amigos, e indiferenciados que apreciavam a sua ténpera, todos irmanados na homenagem litúrgica que lhe era devida.**

**Nº 130 / 2006**

**Era intenção da Área de Leitura Especial assinalar em EDITORIAL a homenagem prestada a Joaquim Guerrinha, a 31 de Maio P.P. e anunciar que o livro que este tiflólogo nos deixou se encontra agora, não só disponível em diversas bibliotecas, como também está à venda (ao preço de 6 euros) na livraria da Biblioteca Nacional de Portugal. Porém, entendemos que a missão estaria cumprida, publicando nós aqui a carta dirigida ao Sr. Director da BNP, a qual releva em pleno o significado que quisemos dar a este singelo acto de gratidão.**

**Eis, pois, o conteúdo integral da missiva endereçada ao Sr. Dr. Jorge Couto:**

**EX.MO SR. DR. JORGE COUTO:**

**No passado dia 31 de Maio, a Livraria da Biblioteca Nacional de Portugal, o espaço circundante e os seus magníficos jardins encheram de brilho a Homenagem a Joaquim Guerrinha, que, pelo seu mérito próprio e pela sua natureza abrangente ultrapassou, não só, uma dimensão meramente familiar e associativa, como também aquele vínculo restrito a determinados municípios onde, efectivamente, fez história, para receber louvores e reconhecimento numa Instituição que, de algum modo simboliza o nosso país.**

**Quis Vossa Excelência propiciar a oferta de tão maravilhosas instalações que, não só valorizaram a cerimónia, imprimindo-lhe seriedade e grandeza, como também proporcionaram aos convidados um indiscutível bem-estar.**

**Por tudo, bem-haja!**

**JOAQUIM GUERRINHA, tiflólogo português de grande craveira, foi sabiamente retratado pelo Senhor Professor Doutor Augusto Deodato Guerreiro, num discurso impregnado de forte humanismo. E foram essas palavras calorosas proferidas pelo Professor,**

**dirigidas a uma assistência que, no tempo de Joaquim Guerrinha o reconheceu e aplaudiu que, mais uma vez, desnudaram aquela alma sensível de intelectual e virtuoso.**

**Porém, esta Cerimónia não passaria de uma utopia se o Sr. Dr. Isidro Rodrigues, Coordenador da Área de Leitura Especial dessa Biblioteca, naturalmente com o aval de V. Ex.<sup>a</sup>. não tivesse, em devido tempo, posto em prática esta homenagem, preparada ao pormenor, que surge associada aos trinta anos da morte de Joaquim Guerrinha. O relançamento no Sistema Braille de um livro escrito em 1968 pelo homenageado e, cujo original se perdeu ingloriamente por mãos alheias, repôs a justiça e preencheu uma lacuna. Está, pois, de parabéns a Área de Leitura Especial da Biblioteca Nacional de Portugal e o seu Coordenador, por tão profícuo trabalho, que igualmente dignifica e prestigia o desempenho de V. Exa.**

**É na qualidade de filha de Joaquim Guerrinha que manifesto toda a minha gratidão à Biblioteca Nacional de Portugal por ter querido colaborar, com toda a justiça, na homenagem a meu Pai, que deixou de ser apenas minha para ser de todos nós.**

**Atentamente**

**Com os melhores cumprimentos**

**Dalila de Jesus Guerrinha**

**Lisboa, 6 do 6 de 2006**

**Nº 132 / Janeiro de 2007**

**Na sequência de um artigo sobre a Área de Leitura Especial da Biblioteca Nacional de Portugal, assinado pela jornalista Francisca Cunha Rego e publicado no Jornal de Letras, a Direcção do Clube dos Lions de Benfica, sensibilizada pelo que havia consciencializado ao ler tal artigo, decidiu-se a realizar algo que ajude a ALE a melhorar o acesso à leitura para as pessoas com deficiência visual.**

**Visando a satisfação desse desiderato, a Escritora Maria do Carmo Rodrigues foi a escolhida para converter o projecto Leonista em realidade, missão que - pelo que nos foi dado observar - afectuosamente abraçou e levou a bom termo, com empenho, alegria e eficácia.**

**Assim, a referida Escritora, com mais seis filantrópicas colaboradoras contistas (Isabel Antunes, Madalena Gomes, Manuela Nogueira, Maria do Carmo Rodrigues, Maria Isabel de Mendonça Soares, Maria Natália Miranda e Matilde Rosa Araújo) escreveram cada uma o seu Conto de Natal, com os quais veio a ser constituído o Livro intitulado “Boas Festas”, que, na quadra festiva do advento natalício, foi vendido ao preço de dez euros a unidade.**

**Avaliando um pouco mais em detalhe esta determinação da Direcção do Clube dos Lions de Benfica, importa, por um lado, referir que o seu objectivo foi, por sugestão da ALE, tornado mais preciso, ou seja, foi direccionado para o reforço do capital do Prémio Branco Rodrigues, que, apesar de ser de atribuição trienal, neste milénio ainda nunca foi atribuído, devido à debilidade do capital que o suporta e, por outro, proporcionou-nos a oportunidade de dar**

**mais visibilidade à personalidade do tiflopedagogo José Cândido Branco Rodrigues. Primeiro, num jantar Leonista que teve lugar no Hotel Avenida Palace, aquando do lançamento do livro em referência, proferimos uma curta alocução salientando o nobre carácter do filantropo que em finais do século XIX soube reunir uma elite de humanistas esclarecidos que arrancou os cegos às garras do analfabetismo, abrindo-lhes as portas da escolarização e do acesso à cultura; posteriormente, na sala Agostinho da Silva da Universidade Lusófona, Filipe Pereira Oliva proferiu uma conferência subordinada ao mesmo tema, e, finalmente, no Centro Cultural da Malaposta, tivemos a satisfação de invocar uma vez mais o Homem e a obra e de tornar claro que, mesmo que o capital conseguido com a venda do Livro de Contos ficasse aquém do esperado pelos promotores desta apreciável iniciativa, o facto de se ter podido contribuir para que José Cândido Branco Rodrigues fosse mais e melhor conhecido era, só por si, motivo de júbilo.**

**E se o nosso apreço pelo acto Leonista e pela plêiade de sete altruístas Escritoras que responderam, de coração aberto, à chamada era já consideravelmente elevado, ao tomarmos conhecimento de que o Prémio que homenageia Branco Rodrigues vai ser reforçado com cinco mil euros, a entregar à Biblioteca Nacional de Portugal no dia 10 de Março do ano que ora tem início, a nossa satisfação pelo dever cumprido é total, pois, graças a este importante ingresso é-nos permitida a retoma, em 2008, da abertura do Concurso ao Prémio que incentiva os amantes da actividade literária com deficiência visual a publicar os seus produtos intelectuais que, naturalmente, se enquadrem nos limites regulamentares do Prémio em causa.**

**Por este gesto Leonista, a Área de Leitura Especial da Biblioteca Nacional de Portugal, plenamente convicta de que interpreta o sentir dos leitores de PONTO E SOM, agradece publicamente a todos os que, de moto proprio, nos brindaram com o calor do seu humanismo.**

**Nº 133 / Abril de 2007**

**Comemora-se a 2 de Dezembro do ano em curso o XXXVIII aniversário do "Serviço para Cegos da Biblioteca Nacional". Assim baptizado à nascença, veio mais tarde a ser crismado com o nome de "Área de Leitura Especial", depois de ter passado pela denominação de "Área de Deficientes Visuais".**

**Três foram as designações pelas quais foi identificado este sector de serviços da Biblioteca Nacional; porém, o espírito de missão a favor do enriquecimento intelectual dos deficientes visuais, do seu acesso à informação, à cultura que o livro encerra, permaneceu uno e indivisível, não sofreu desvios, embora, por vezes, tenha perdido vigor e demonstrado tibieza no que concerne à sua modernização.**

**Num mundo de rápidas transformações, alongou-se em demasia a fase da produção do livro Braille em exemplar único por morosos processos tradicionais, e a segunda, iniciada em 1989 com a aquisição do equipamento VersaBraille/VersaPoint prolongou-se até hoje presa ao MS-DOS, ao WordStar. No domínio do audiolivro os procedimentos não diferiram na sua substância: durante um longo período foi feita a gravação em bobinas e só a partir de 1990 se passou a produzi-lo em cassetes de 90 minutos, não se tendo, portanto, transitado para a digitalização do som.**

**De facto, este sector de serviços à comunidade não teve uma existência uniforme. Cresceu sem grandes dificuldades de financeiras até 1974; desde então até ao dealbar do século XXI teve raros picos de desenvolvimento e alguns períodos de desalento produzidos fundamentalmente por carências de ordem financeira e escassez de meios técnicos e humanos.**

**Envolvidos pela difícil situação geral de que o país se tenta libertar, entramos no ano de 2007, com a esperança de que este sete mágico nos traga**

**progresso, nos alimente a coragem, o ânimo de fazer mais e melhor a bem dos deficientes visuais portugueses. Nos meses já decorridos encetámos a produção do Braille em ambiente Windows, preparando-nos para abandonar definitivamente o velho DOS. Também no que respeita ao audiolivro, o progredir está já activado; está em curso o processo de aquisição dos equipamentos que vão permitir a sua produção em suporte digital.**

**Neste sector de serviços, que se passará a denominar "Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal", vislumbra-se uma nova etapa de crescimento e, para que esta seja a contento dos servidores da causa pública e dos que colhem os seus frutos, contamos com a colaboração dos leitores de "Ponto E Som", que gostaríamos de ver a publicar os seus produtos intelectuais na rubrica designada por "Varanda do Leitor".**

O editorial com que abrimos este número de "Ponto e Som" anuncia aos seus leitores dois factos que, na nossa perspectiva, se revestem de capital importância no que concerne à recolocação da ALDV na senda que trilhou ao longo de quase quatro décadas, ou seja, no ressurgimento do Prémio Literário Branco Rodrigues e na renovação, há tanto desejada, que promova a sua modernização, a adopção de práticas conducentes à prestação de mais e melhores serviços aos utilizadores desta Área.

Relativamente ao Prémio Branco Rodrigues, cumpre-nos anunciar que após a suspensão da sua atribuição em 2002, por ser então o capital que o suportava de reduzido valor, a Biblioteca Nacional de Portugal abre o respectivo concurso, em Janeiro de 2008, sendo o referido prémio constituído por um montante de 1000 €. E – perguntar-se-á – por que é que a atribuição do primeiro prémio deste milénio só ocorre em 2008, se ele é trienal? Devido à descida dos juros a níveis inimagináveis, os valores resultantes do capital do Prémio eram demasiadamente insuficientes para constituir um prémio digno dessa designação.

Assim, foi concertado com a Direcção Nacional da ACAPO que esta, como mediadora, solicitasse ao Instituto de Fomento Cultural uma contribuição financeira destinada ao reforço do Prémio a atribuir em 2002. Ora, ainda que essa solicitação tenha sido atendida, à BNP só no ano corrente foram entregues 950 € como contributo do IFC, quantitativo que juntamente com 5.000 € resultantes de um evento promovido pelo Clube dos Lions de Benfica e a ALDV constituem um reforço apreciável do capital do Prémio.

Quanto à renovação há tanto desejada, consideramos que o equipamento informático oferecido – e entregue em acto público – pela SIC Esperança à ALDV representa, só por si, o alcance de uma meta significativa que vai permitir, por um lado, a produção do audiolivro em suporte digital e, por outro, a produção do livro braille totalmente em ambiente Windows. No futuro imediato os utilizadores da ALDV poderão usufruir de audiolivros digitalizados, sem mais precisarem de cassetes e respectivos leitores. No concernente ao livro escrito, não só os seus usufrutuários os poderão ter em suporte digital, como também os seus produtores – funcionários e voluntários – terão a sua missão largamente facilitada.

## UM OLHAR SOBRE ÓSCAR RIBAS

Óscar Ribas, fruto da miscigenação sanguínea de Arnaldo Gonçalves Ribas (natural da Guarda) com Maria da Conceição Bento Faria Ribas (mulher angolana natural de Luanda), lançou nos ares, a 17 de Agosto de 1909, o seu primeiro grito de alerta, ao aspirar as primeiras golfadas do ainda puro ar africano do hemisfério Sul, e exalou o seu último tranquilo suspiro, no Estoril, a 19 de Junho de 2004, com a provecta idade de 94 anos.

Os seus pais premiaram-lhe a existência com dois irmãos (Mário e Joaquim) e uma irmãzinha, que se findou quando tinha somente 7 anos. Crescendo no seio de uma família onde se respirava saudável serenidade, tranquilizante segurança, amor reconfortante; onde os pais geravam um clima propício ao saudável crescimento físico e intelectual dos filhos; onde o conforto material e o bem-estar eram palpáveis, Óscar Ribas apurou a sua sensibilidade, moldou a sua personalidade nos princípios da tolerância, da aceitação do diferente, do humanismo bebidos na escola familiar, no meio social circundante e no Seminário de Luanda, onde fez os seus estudos liceais desde o primeiro ao último ano.

A sua infância e adolescência, os primeiros anos de homem adulto foram vividos em condições promissoras de um futuro risonho, feliz. Brincou, estudou, amadureceu intelectualmente. Foi funcionário na Fazenda de Luanda, onde o seu pai era Director Geral. Porém, aos 21 anos de idade bateu-lhe à porta a mão do infortúnio, anunciando-lhe o início da perda gradual do sentido da vista do qual ficou privado por completo, quando tinha já feitos 36 anos de idade. Apesar deste contratempo, que o obrigou a corrigir a trajectória na estrada da vida terrena, compreendendo, tal como Bernardo Santareno me afirmou um dia em amena troca de impressões acerca da problemática inerente à deficiência visual, que a cegueira física não destrói o indivíduo, não o anula; porém, ela constitui uma barreira que tem de ser contornada. Ele soube assumir que a luz do espírito, sendo devidamente estimulada, alimentada pelo pão da cultura, da sabedoria, supera em muito os limites impostos pela falta de percepção da luz física do mundo circundante.

Foi nesta encruzilhada da vida, em que tudo parece desmoronar-se, que conheceu o Oftalmologista Santos Lapa que, doravante, vai com ele colaborar intimamente. Ambos fundam anos mais tarde o Instituto Óscar Ribas, com o propósito de proporcionar aos deficientes visuais angolanos a escolarização, a habilitação profissional, bem como a incentivá-los nos caminhos do acesso à cultura, à informação, aos saberes que facilitam a conquista da integração social e abrem portas à cidadania integral.

Nesta caminhada aprendeu a ler e a escrever pelo sistema que o genial francês, Louis Braille, nascido em 1809, inventou, rasgando assim, para os cegos de todo o mundo, novos horizontes, novas perspectivas de vida, a possibilidade de realizações até então não sonhadas.

Este filho legítimo de Angola (de pai branco e mãe negra) permaneceu na sua Pátria amada, até 1983, ano em que se fixou, com sua mulher, Maria Cândida

(também já deficiente visual), no Estoril, num lar da Cruz Vermelha. Aí viveu com ela (como ele próprio afirma na dedicatória, no seu livro Ilundu) dias de alegrias e de tristezas, onde, em 1986, dela se despediu até à Eternidade.

Com a partida de sua mulher, na viagem que não tem retorno, o Escritor ficcionista, que muito tem de etnólogo, perde, além da companheira, da amiga, da fonte dos afectos que lhe adoçam a vida e do alvo da sua ternura, a colaboradora insubstituível que, por um lado, o ajudara na recolha de tanta literatura oral angolana, em vias de irremediável desaparecimento, por serem cada vez menos os seus guardiães, os anciães e principalmente as anciãs das sociedades tribais, e, por outro, dera o seu prestimoso contributo, sugerindo modificações de natureza diversa, propondo cortes, acrescentos ou substituições nos documentos publicados que salvaram da morte certa aspectos da rica cultura angolana que havia sido transmitida oralmente de pais para filhos, ao longo de séculos, milénios.

Dando agora um pouco de atenção à herança literária que legou à posteridade, salienta-se de imediato o facto de aos 17 anos direccionar o seu interesse para os aspectos culturais do povo simples, das gentes indiferenciadas que trabalham, que labutam arduamente para ganhar o pão com o suor de seus rostos, que alimento o espírito com lendas e mitos, com crenças e fetiches, que respeitam e amam as tradições, os ritos e religiões transmitidos oralmente de geração para geração desde os tempos que se perdem na bruma do passado longínquo que só os adivinhos, os cultores de magias e seus congéneres conseguem visionar. Na sequência deste seu interesse, inicia a tarefa de recolha dos ingredientes da cultura popular com que, no seu laboratório, em cadinhos misteriosos, dá forma ao livro de contos infantis, intitulado “Nuvens que Passam”, que publica em 1927, quando tem 18 anos de idade.

Desde então, esta sua faceta de amante da cultura popular foi-se evidenciando exponencialmente, à medida que trazia a público obras como “Sunguilando: Contos Tradicionais Angolanos” (transcrito para Braille pela Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal, em 1997), “Ilundu: Espíritos e Ritos Angolanos” (também transcrito para Braille pela ALDV da BNP, em 1998), e tantas outras como “Alimentação Regional Angolana”, “Uanga”, “Ecos da Minha Terra”, “Temas da Vida Angolana e suas Incidências”.

Este seu labor constante a favor da fixação em escrita da cultura oral foi eminentemente apreciado pelos seus contemporâneos. São demonstrativas do facto as condecorações com que foi agraciado, designadamente, “Medalha Margaret Wrong”, atribuída, em 1952, pelo prémio do concurso promovido pelo International Committee on Christian Literature for Africa; “Comenda da Ordem do Infante” (Grau de Oficial da Ordem do Infante), atribuída, em 1963, pelo Governo Português; “Medalha Gonçalves Dias”, atribuída, em 1968, pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

## EXPOSIÇÕES na biblioteca nacional de PORTUGAL

Desde sempre a BNP tem dado importância destacável à difusão da Cultura promovendo exposições temáticas que, no seu portal ([www.bnp.pt](http://www.bnp.pt)) sempre são relevadas com a apresentação de uma mensagem sintética – sem deixar de considerar o essencial.

Tendo em atenção o objectivo de se alcançarem ao máximo as finalidades destes eventos, são normalmente organizadas visitas guiadas (muitas vezes conduzidas pelos respectivos comissários).

Foi o que sucedeu com a Exposição designada por “Guerra Peninsular – 200 anos”, visitada por um grupo de associados da ACAPO, a 19 de Janeiro do ano em curso, que ao percorrerem a exposição acompanhados pelo Responsável da ALDV e pela Dr.<sup>a</sup> Fátima Gomes (Responsável de Relações Públicas), enriqueceram os seus arquivos cerebrais com os valiosos saberes transmitidos pela Sr.<sup>a</sup> Comissária, Doutora Maria Leonor Machado de Sousa.

Naturalmente que nem todos têm a feliz oportunidade de vir à BNP conhecer este manancial de saberes disponibilizado publicamente e com regularidade por esta Entidade Difusora do património cultural português. Todavia, para esses o portal da BNP coloca à disposição de todos os interessados informação preciosa como, no caso vertente, o fez com o artigo que passamos a transcrever:

A aventura napoleónica na Península Ibérica, que evocamos nesta exposição na sua dimensão portuguesa, correspondeu a uma fase decisiva da estratégia de Bonaparte que se revelará fatal. O seu projecto hegemónico passava por um controle mais apertado dos países aliados, como a Espanha, e pela eliminação dos apoios que a Inglaterra possuía no Velho Continente, muito em especial de Portugal. Duzentos anos depois, vamos lançar um olhar sobre esse período conturbado da nossa História, compreendido entre 1807 e 1814, e que ficou conhecido com múltiplas designações: Invasões Francesas, Guerra Peninsular, Guerra da Península, Guerra da Independência. Época complexa, plena de contradições e que foi de charneira na Europa e em Portugal.

A Guerra Peninsular sempre suscitou um enorme interesse, materializado por uma vasta bibliografia que começou a surgir ainda em 1808, e que conta com muitos milhares de obras de todo o tipo. Abundam os textos, ainda de 1808, impressos no calor da luta, transformados em armas contra o invasor, os testemunhos autobiográficos que começam a surgir pouco tempo depois, e nos quais os protagonistas dizem de sua justiça, as narrativas circunstanciadas dos eventos, mais ou menos parciais e maculadas por um compreensível partidarismo. Aparecem histórias e pequenas histórias. Uma literatura fértil, com poemas patrióticos e satíricos, uma parenética empenhada e cruzadista. Mas também existe uma iconografia valiosa, erudita ou popular, uma cartografia esclarecedora, enfim, uma abundância que torna uma exposição difícil porque ele implica sempre uma escolha, e esta é fatalmente subjectiva.

De qualquer forma, esta exposição apresenta um conjunto notável de peças variadas, contemplando as diversas vertentes relacionadas com a Guerra

Peninsular, desde os manuscritos aos editais produzidos pelos invasores, os folhetos anti-franceses, os livros de estrangeiros que estiveram em Portugal, as histórias da guerra, as memórias de militares e de civis".

António Ventura

Comemora-se em 2009 o bicentenário do nascimento de Louis Braille, genial cidadão francês que, perdendo a luz física dos olhos aos três anos de idade, soube fortificar a luz interior que o orientou em toda a sua vida, que o fez entender profundamente a problemática dos que como ele estavam impedidos de alcançar os níveis de cidadania dos normovisuais. Porque desde cedo percebeu que a impossibilidade de ler e escrever e, portanto, de aceder à escolarização normal, à informação e outros bens culturais era algo que teria de ser vencida, dedicou todo o seu saber, toda a sua juvenil actividade intelectual à procura de um método de leitura e escrita funcional que abrisse aos deficientes visuais as portas de um novo mundo, onde a desigualdade fosse significativamente atenuada. Conseguindo a satisfação desse desiderato, ofereceu à humanidade o método de leitura e escrita para cegos que rapidamente conquistou o mundo civilizado sob a designação de “Sistema de Escrita e Leitura Braille”.

Sendo esta efeméride considerada de capital importância pelos organismos internacionais e nacionais de todos os continentes, a Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal (que também comemora o seu quadragésimo aniversário), constituiu uma Comissão promotora das comemorações desta efeméride que integra o Instituto Nacional para a Reabilitação, a Casa da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, o Gabinete de Dinamização Cultural da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, a Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (que comemora o seu vigésimo aniversário), a Direcção Regional de Lisboa do Ministério da Cultura e outras personalidades.

Estando já consumados, em Setembro de 2007, os indispensáveis procedimentos para a constituição desta comissão, logo nesse mês se iniciaram os trabalhos conducentes à concepção de um programa exequível em tempos de crise de contornos como a que se abateu sobre nós, programa que começou a ser executado no dia 4 do mês em curso com a celebração da Eucaristia, na Igreja dos Franceses, em Lisboa, em memória do ilustre filho de França que, libertando-se da morte pela obra realizada ao longo de sua curta existência terrena, se tornou património da Humanidade.

A essa celebração tivemos nós a feliz oportunidade de assistir, em representação da ALDV/BNP, e dela assinalamos a serena e muito digna alocução proferida pelo Presidente da Direcção Nacional da ACAPO, Dr. Carlos Lopes.

Logo em sucessão, no dia 5, teve lugar nas instalações da Biblioteca Nacional de Portugal, a abertura solene do ano das comemorações, da qual salientamos a conferência proferida pelo magnífico orador, Professor Doutor Boaventura de Sousa Santos, que, além de ter atraído à sala de Conferências figuras públicas que normalmente não se vislumbram em eventos de âmbito tifológico, tratou o tema que lhe foi proposto (Louis Braille e sua obra), focalizando aspectos da cultura então desabrochante, que condicionara seguramente o trabalho realizado por Barbier de la Serre, Valentin Haüy e culminado por Louis Braille.

Do início ao fim da exposição, manteve o Professor a assistência presa à sua oratória, não só pelo conteúdo desta ter excedido o esperável, mas também pela forma de estilo, simplicidade e clareza com que foi transmitida ao repleto auditório.

E se relevámos a Conferência e o Conferencista, tal não significa que queiramos retirar o brilho à abertura da Sessão solene, presidida pelo Sr. Director-geral da Biblioteca Nacional de Portugal, Dr. Jorge Couto, que, em sucinta alocução, se pronunciou sobre o significado das comemorações então encetadas e anunciou o programa a cumprir ao longo do ano, sessão solene em que a sr.<sup>a</sup> Secretária da Cultura que tutela a Biblioteca Nacional de Portugal dirigiu ao auditório uma saudação e a Sr.<sup>a</sup> Secretária Adjunto para a Reabilitação dos Deficientes referiu, em detalhado discurso, as realizações operadas ou a concretizar no seu Ministério a favor da promoção dos deficientes em geral e, em particular, dos deficientes visuais, das quais se sublinha a criação, a breve trecho, do núcleo de Braille.

Também a abertura da II parte, presidida pelo Responsável da Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal, decorreu em harmónico concerto com o todo, tendo o Dr. Carlos Lopes dirigido à assistência, palavras eloquentes acerca do evento comemorativo e do papel que à ACAPO incumbe protagonizar, e, cumprindo a missão que lhe havia sido determinada, o Responsável da ALDV/BNP procedeu à apresentação do Orador Convidado e, no final, encerrou a sessão solene, tecendo algumas considerações acerca da magnífica conferência a que acabávamos de assistir e solicitando ao Orador a bondade de conceder à ALDV/BNP o escrito da conferência para posterior publicação nesta Revista.

Acredita-se ainda referir que, integrando-se no espírito destas comemorações, foram, acto contínuo, inauguradas as novas instalações em que a ALDV passa a funcionar.

**35 Anos de Publicação de "Ponto e Som"**

35 anos são já passados desde o início do mês de Abril em que um contingente de Capitães das Forças Armadas Portuguesas concertava o plano estratégico a executar para o derrube do Estado Novo. Pois, nesse mesmo mês de Abril em que para todos nós, Portugueses, se abria uma nova página promissora de progresso em liberdade, para os deficientes visuais da Pátria Lusa dava-se início, na Biblioteca Nacional, à publicação de "Ponto e Som", Revista Trimestral que se propunha preencher um importante espaço no domínio das acessibilidades à informação, à literatura recreativa e formativa, aos diversificados ramos da cultura, em suma, aos saberes que enriquecem e enobrecem o Intelecto Humano.

Ao longo destas três décadas e meia, não foram poucas as dificuldades a vencer. Equipamentos rudimentares de impressão, falta de papel adequado às exigências da escrita Braille foram os obstáculos mais renitentes, até Janeiro de 1989, mês em que foi encetado o processamento e impressão contando com meios informáticos recentemente adquiridos.

Não obstante, esta publicação jamais, no passado, defraudou as expectativas dos seus leitores. Disseminou informação de carácter literário, artístico, científico, promoveu acções formativas no domínio da aprendizagem do Braille, foi entre nós o maior veículo de informação acerca das novas tecnologias ao serviço dos deficientes visuais. Não esquecendo o serviço relevante que se consubstancia na publicação da rubrica "As Nossas Colecções", que proporciona aos leitores da ALDV receberem em suas casas, sem demoras injustificáveis, informação concernente às actualizações dos fundos bibliográficos disponíveis, "Ponto e Som" contribuiu em larga medida para que os deficientes visuais conhecessem mais e melhor a história e a missão do livro e das bibliotecas que salvaguardam a sua conservação e promove a respectiva difusão.

35 anos de existência activa tem esta publicação que, aquém e além fronteiras, foi veículo de saberes que a todos os deficientes visuais lusófonos gratuitamente disponibilizou; três décadas e meia de labor empenhado a favor da promoção dos cidadãos com deficiência visual, em todas as vertentes de índole intelectual, se celebram neste mês de Abril, com a consciência de dever cumprido e a esperança de que, por detrás das nuvens negras que se adensam no horizonte, esteja um Sol que brilha e que no futuro próximo, esparramando-se por cidades e aldeias, vales e montanhas, a todos contemple com o seu calor e luminosidade fecundantes.

**Recordando Filipe Oliva e Orlando Monteiro e não olvidando Fernando Silva**

Tentando recuperar tempo no desfasamento da data em que esta Revista deveria ser publicada e aquela em que realmente é distribuída pelos seus assinantes, aglutinamos agora os números correspondentes ao segundo e terceiro trimestres. E, releve-se, foi no início destes que, sucessivamente, se apartaram do nosso convívio terreno, Filipe Oliva e Orlando Monteiro, dois incontornáveis vultos da tiflogia Portuguesa, a quem prestamos a nossa muito simples mas sincera homenagem, extensiva a Fernando Silva, que, falecendo a 01-12-2008 tão discretamente como vivera, dera início ao desmoronar de um escol que dedicou o melhor da sua existência e saber às causas dos deficientes visuais.

De Filipe Pereira Oliva Digamos:

Em 5 de Outubro de 1934 nascia em Mesquitela, concelho de Celorico da Beira, Filipe Pereira Oliva, que, a 7 de Junho do ano em curso, com 74 anos de idade, desta terra se partiu, como qualquer ser humano, com as mãos vazias de bens materiais, mas que nos deixou um legado cultural de elevado preço.

E quem foi este homem, que ao lançar, pela vez primeira, ao mundo o seu grito de alerta, insuflou uma golfada de puro ar serrano que o premiou pelo primeiro acto de heroísmo que acabava de praticar?

Que caminhos e veredas percorreu desde o seu nascimento até ao dia em que para sempre nos deixou?

Ainda com tenra idade, verificaram os pais que Filipe tinha, se bem que leve, deficiência visual que com o decorrer dos anos se foi agravando. Ora, uma vez que essa deficiência era impeditiva de que o Filipe pudesse fazer uma escolarização regular, igual à das crianças normovisuais da sua idade, foi decidido pelos seus progenitores que o menino devia entrar no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, a fim de aí, recebendo uma escolarização cuidada, adquirir aquela utensilagem intelectual que lhe veio a permitir realizar uma vida altamente positiva, a garantir uma existência terrena eminentemente activa, liberta de dependências estigmatizantes, existência ao longo da qual ele demonstrou sem ambiguidades nem tibiezas, ser um cidadão de corpo inteiro, de fino trato e elegante expressão verbal e escrita.

Quem com Filipe Oliva privou ou simplesmente teve a oportunidade de o conhecer, sem dúvida nele reconheceu uma arguta inteligência, uma capacidade mental acima da média, um apreciável fairplay no agir, três

elementos que geraram a rígida personalidade que o habilitou, em situações de alguma complexidade, a contornar obstáculos, debelar dificuldades, a esvaziar argumentos de opositores.

Ingressou, pois, nesse Instituto em 1945, quando tinha já 10 anos de idade e de lá saiu, ainda teenager, no Verão de 1954, trazendo na bagagem cerebral uma escolaridade de qualidade, saberes importantes no domínio das letras, das ciências e da música, a incomparável fortuna de saber usar os dons intelectuais com que a natureza o havia dotado.

Da Serra, onde soltara ao vento os seus primeiros vagidos, respirara o fresco e puro ar em pleno ambiente campestre, viajou para a grande Urbe lisboeta, onde foi criança, adolescente, adulto e homem amadurecido que sempre pautou a sua vida pelo rigor (às vezes excessivo).

Até aos 19 anos as suas vivências decorreram, sem sobressaltos, em visitas de férias à sua terra natal e na área da grande Lisboa, principalmente no seio familiar e no Instituto em S. João do Estoril, onde fez uma sólida Instrução Primária e uma apreciável formação musical, complementadas com estudos aprofundados de Português e Francês no Conservatório Nacional de Lisboa no qual, tendo já saído do ICBR, concluiu os Cursos Superiores de Piano e Violino.

Com os saberes adquiridos e uma indómita vontade de singrar na vida, mesmo contra ventos e marés, Filipe Oliva, integrando um grupo de valorosos pioneiros dos quais destaco Orlando Monteiro, Vítor Coelho, Francisco Afonso, ajudou a desbravar caminhos conducentes à emancipação das pessoas com deficiência visual. Intelectualmente munido de armas e bagagens e motivado com a força do colectivo de amigos e agentes educativos solidários, Filipe Oliva fez por inteiro o Curso dos Liceus e, ingressando na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, veio a concluir, em 1972, licenciatura em Filologia Germânica.

Paralelamente, militou no tifoassociativismo, conheceu a sua Isabel Teresa em 1959 e com ela casou em 1962, adquirindo o estatuto da paternidade, em 1963, ao nascer a Teresa, e reforçou-o em 1964 com o nascimento do Paulo.

Assim, com uma família promissora bem constituída, Filipe Oliva tudo fez para poder evoluir, tanto no domínio da sua valorização intelectual com também na progressão das suas actividades profissionais. Foi telefonista, professor de canto coral e de português, foi cantor no Coro Gulbenkian e, a partir de 1968, ingressou na Biblioteca nacional de Lisboa para assessorar a organização do Serviço para Cegos (hoje Área de Leitura para Deficientes Visuais), de que foi responsável até 2004. ano em que se reformou.

Visando o desempenho de qualidade da actividade de Bibliotecário e documentalista Filipe Oliva frequentou o Curso de Ciências Documentais, estudou aprofundadamente todas as envolvências do Sistema de Leitura e

Escrita Braille, procurou sempre adquirir conhecimentos fundamentados no domínio da tiflogia, tanto a nível nacional como internacional.

Assim, senhor de saberes especializados inerentes à Deficiência visual, Filipe Oliva não só conduziu a ALDV a cumprir a sua missão, ou seja, a ser uma entidade de promoção da leitura, irradiação de cultura e informação, como também lhe permitiu, integrando a Comissão de Braille, participar com elevado grau de qualidade em acções e eventos realizados a favor da promoção do Braille como Sistema de Leitura e Escrita indispensável à conquista da plena cidadania das pessoas com deficiência visual.

Acresce ainda que Filipe Oliva se dedicou em larga medida à escrita, tendo publicado inúmeros estudos, artigos de opinião e de cariz sociológico, proferido conferências, comunicações em seminários e outros eventos similares, e, paralelamente, aceitou a missão de participante activo nas transformações do tifoassociativismo português.

Em 1977, quando por mim foi desafiado para encetarmos o primeiro movimento sério conducente à institucionalização de uma entidade nacional que aglutinasse todas as associações dos cegos portugueses, ele entusiasticamente integrou a Comissão que até 1980 trabalhou afincadamente, elaborando e disseminando os estatutos da almejada Organização dos Cegos Portugueses (OCEP), Procedeu a amplos debates públicos e sessões de esclarecimento acerca do projecto.

Em 1987, apesar do desconforto do insucesso anterior, ao ser por mim novamente desafiado para a aventura que, felizmente, foi desta vez bem sucedida, ele não hesitou e mais uma vez o temos connosco empenhadamente trabalhando para que a Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO) nasça a 20 de Outubro de 1989.

De Filipe Oliva, porém, aproximava-se, como a tantos outros que ficaram para trás, a hora da ingratidão. Após o trabalho empenhadamente desenvolvido na realização das Assembleias em que foi deliberada a adesão das três associações à ACAPO, depois de ter participado na assembleia constituinte, integrado a Comissão Instaladora, colaborando determinantemente na realização do acto Jurídico da institucionalização e ter sido o Primeiro Presidente da Mesa da magna Assembleia da ACAPO, foi, em 1992, relegado para o plano em que se inicia o afastamento progressivo dos que não pertenciam à ortodoxia político-partidária dominante.

\*\*\*

### **De Orlando de Jesus Monteiro**

Orlando Monteiro, após doença prolongada a que não conseguiu resistir, encerrou o seu ciclo de vida terrena a 04-10-2009. Foi cremado, em respeito pela sua vontade, e as suas cinzas conservam-se ainda no seio da família que, com sua esposa – Lucília Rego Monteiro – ele constituiu, gerando três filhos – Lina, Elsa e Rui -, seu enlevo e motivo de orgulho que não escondia.

Nascido em Setúbal em 28-05-1931, peregrinou 78 anos por veredas, caminhos e estradas, em busca de valorização pessoal e do microcosmos social em que marcou presença relevante, gerando em seu redor boa disposição, alegria, um modo de usufruir a felicidade no seu máximo. Folgazão, pitoresco e, não raro, picaresco, sempre foi um optimista por natureza.

Os que com ele conviveram no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, onde adquiriu uma sólida educação e escolarização de qualidade, podem testemunhar que o seu carácter, o seu perfil de esperançoso jovem lutador já então era digno de realce, que a sua alegria de viver era nitidamente detectável com todos os seus tons e cambiantes.

Neste Instituto, localizado em S. João do Estoril, em varanda aberta para o Oceano, ele, como tantos outros que tiveram a sorte de por lá passar, foram preparados para vencer, para fazer face às muitas dificuldades que no futuro os esperavam. Orlando, que aí fizera toda a sua formação musical de base, concluiu no Conservatório Nacional de Lisboa, além dos Cursos de Português e Francês, História da Música e Composição Musical, o Curso Superior de Piano, em que se guindou ao nível dos melhores executantes que no seu tempo cursaram nesta escola superior.

Saindo do ICBR, o Homem em que o jovem Orlando se havia convertido, não mais cessara de procurar singrar na vida, sempre numa atitude demonstrativa de que a deficiência visual não é obstáculo à promoção socioprofissional, ao pleno exercício da cidadania dos que por ela foram sujeitos.

Como Habilitações literárias e Profissionais, salientamos a Licenciatura em Filologia Germânica e o Curso de Ciências Pedagógicas (ambos pela Faculdade de Letras de Lisboa);

Curso de Bibliotecário Arquivista e Documentalista (Universidade de Coimbra);

Curso superior de Piano pelo Conservatório Nacional de Lisboa

Curso de Professores e Educadores de Crianças e Adolescentes portadores de deficiência Visual;

Curso para dirigentes da Administração Pública (INA);

E como experiência profissional relevamos

de 1956-64, exerceu a profissão de pianista;

de 1963-64, prof. Eventual do ensino secundário, no liceu Camões;

Em 1965, foi contratado pela Câmara Municipal de Lisboa para organizar uma secção Braille na Biblioteca de Belém, sendo responsável por esta secção até

1973 e, posteriormente, como Bibliotecário, criou a Biblioteca Municipal de Camões, tendo-se aí mantido até 1977;

Nesta data foi destacado para exercer funções no SNR e em 1978 foi nomeado director de serviços do mesmo, vindo a ocupar o lugar de Secretário Adjunto, de 1985 a 1992, cessando o estas funções em Agosto deste mesmo ano, ao regressar à Câmara Municipal de Lisboa, como Bibliotecário Assessor Principal, em que havia sido empossado em 1991;

Cumprido um longo e vasto exercício de funções profissionais, Orlando Monteiro aposentou-se em 1993, tendo deixado a sua marca indelével, na construção de uma sociedade em que as deficiências não mais sejam estigmatizantes, determinem desigualdades de oportunidades, sejam impeditivas do pleno direito à plena cidadania para todos;

Sublinhe-se que ele foi o primeiro deficiente visual a ascender a Director de Serviços na Administração Pública, que participou em inúmeros eventos nacionais e internacionais em que as problemáticas das deficiências e dos deficientes foram tema, participou na produção de vastos núcleos documentais em que se evidencia a urgência de se gerarem as condições favoráveis ao usufruto de uma vida de qualidade para todos os cidadãos.

Paralelamente importa salientar o muito que realizou no âmbito da tiflogia.

Em 1984-1990 foi Presidente da Comissão Braille, mantendo-se nesta qualidade no grupo que concluiu o trabalho deixado incompleto pela referida comissão.

Desde os finais da década de 1950, ele manteve uma ligação de significativa proximidade do tifoassociativismo português, tendo incorporado a direcção da Liga de Cegos João de Deus, presidido à Mesa da Assembleia da Associação de Cegos Luís Braille, e no âmbito geral dos deficientes, no pós 25 de Abril, foi fundador da Associação Portuguesa de Deficientes (APD).

Em suma, Orlando Monteiro foi meritório cultor na arte dos sons, foi um dedicado adepto da tiflogia, em todas as suas vertentes, mas principalmente no âmbito do acesso à digna escolarização e cultura, formação profissional e plena vivência social. Ele foi cidadão de corpo inteiro, amante descomplexado da alegria de viver, contagiando todos os que tiveram a feliz oportunidade de com ele privar.

Ironia do destino! É neste ano em que se comemora o Bicentenário do Nascimento de Louis Braille, vulto histórico e revolucionário no progredir dos deficientes visuais para a luz que as acessibilidades à cultura gera, é neste ano em que relevamos o esforço daqueles que projectaram, para futuro, um mundo mais justo, equitativo, em que as oportunidades sejam usufruídas por todos de igual modo, é num ambiente de alegres celebrações que nos deparamos com a definitiva separação destes três obreiros de Louis Braille, à memória dos quais Ponto E Som se curva e presta a merecida e justa homenagem.

Balanço final das comemorações do Bicentenário do Nascimento de Louis Braille

Chegados que somos ao dia 4 de Janeiro de 2010, data em que, de acordo com o programa estabelecido, se deveriam encerrar as comemorações do Bicentenário do Nascimento de Louis Braille, impõe-se que façamos, ainda que sucintamente, um relatório em que constem os factos que no nosso entender não devem ficar submerso no oceano do esquecimento, como se de algo insignificante se tratasse.

Por iniciativa do Responsável da ALDV/BNP foi em 2008 constituída a Comissão Pró-Comemorações que sob a sua coordenação estabeleceu um programa que ao longo de 2009 foi grosso modo cumprido.

Integraram essa Comissão Isidro E. Rodrigues (Área de Leitura para Deficientes Visuais - Biblioteca Nacional de Portugal), José A. Guerra (Casa da Cultura - Câmara Municipal de Coimbra), Augusto D. Guerreiro (Gabinete de Referência Cultural – Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa), Vítor Rapoula Reino (Direcção Regional de Educação de Lisboa – Ministério da Educação), Adalberto Fernandes (Instituto Nacional de Reabilitação), Sofia Antunes (Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal) e Filipe P. Oliva e Fernando A. Matos (Membros da Extinta Comissão Braille).

Dando início ao ano de comemorações do Bicentenário do Nascimento de Louis Braille, foi celebrada Eucaristia na Igreja dos Franceses, tendo estado presentes o Dr. Filipe P. Oliva, o Responsável da ALDV/BNP (Dr. Isidro E. Rodrigues) e o Presidente da Direcção Nacional da ACAPO (Dr. Carlos Lopes) que proferiu uma curta alocução, relevando o significado do histórico labor do homenageado que abriu aos deficientes visuais de todo o mundo as portas de acesso à luz intelectual que a capacidade de ler e escrever propicia.

Logo em sucessão, no dia 5, teve lugar no Auditório da Biblioteca Nacional de Portugal, a abertura oficial do ano das comemorações, em sessão solene presidida pelo Sr. Director-geral da Biblioteca Nacional de Portugal, Dr. Jorge Couto, que, em sucinta alocução, se pronunciou sobre o significado das comemorações então encetadas e anunciou o programa a cumprir, seguindo-se-lhe, no uso da palavra, sr<sup>a</sup> Secretária da Cultura, que dirigiu ao auditório uma saudação, e a Sr.<sup>a</sup> Secretária Adjunto para a Reabilitação dos Deficientes, que expôs detalhadamente as realizações operadas ou a concretizar no seu Ministério a favor da promoção dos deficientes em geral e, em particular, dos deficientes visuais, das quais se sublinha a criação, a breve trecho, do núcleo de Braille e Meios Complementares de Leitura.

Numa segunda parte, presidida pelo Responsável da ALDV/BNP, que, após ter apresentado o Orador Professor Doutor Boaventura de Sousa Santos, e o Dr. Carlos Lopes, Presidente da Direcção Nacional da ACAPO, a este concedeu a palavra para se pronunciar acerca do evento comemorativo e do papel que à ACAPO incumbe protagonizar.

Coroando esta sessão, o Professor Doutor Boaventura de Sousa Santos proferiu uma conferência que, além de ter atraído ao auditório da BNP figuras públicas que normalmente não se vislumbram em eventos de âmbito tiflológico, tratou o tema que lhe foi proposto (Louis Braille e sua obra), focalizando aspectos da cultura desabroxante no início do século XIX, que condicionara seguramente o trabalho realizado por Barbier de la Serre, Valentin Haüy e culminado por Louis Braille.

Encerrada a Sessão solene, procedeu-se, acto contínuo, à inauguração das novas instalações da ALDV.

Seguindo a rota programada, o Dr. Filipe P. Oliva e o Dr. José A. Guerra (dois dos quatro articulistas indigitados) cumpriram a sua missão produzindo documentos de conteúdo tiflológico que foram publicados; o Dr. Filipe P. Oliva deixou-nos para finalizar e publicar a tradução de "Vida e Obra de Luís Braille" por Pierre Henri; a ALDV, em "Ponto E Som", assinalou em editorial eventos constantes no programa das comemorações.

E assim se foi realizando o projecto de reavivar a memória do genial cidadão francês, que se tornou património universal com o seu incomensurável feito a favor dos que, como ele, estando privados da luz física, não tinham ainda a possibilidade de usufruir a luz intelectual que o saber ler e escrever facultava.

À excepção da programada vinheta que durante o ano das comemorações deveria ter sido aplicada nos documentos emitidos pelas entidades a estas aderentes e à edição em braille de 50 novos títulos literários, realizações cuja promoção havia sido confiada à ACAPO, à organização de um concurso de cariz cultural visando os mais jovens, entregue à responsabilidade da ACAPO e da DREL, o plano gizado foi-se cumprindo tranquilamente, superando as expectativas a Exposição organizada e realizada pela ALDV/BNP que depois de ter estado patente no local mais visível e frequentado da BNP, transitou para Coimbra, tendo sido aberta ao público na Casa da Cultura da Câmara Municipal, a 4 de Julho (Dia da Cidade), e posteriormente esteve patente na [Escola Superior de Educação e Ciências Sociais/Instituto Politécnico de Leiria](#) e na Santa Casa da Misericórdia do Porto.

Porque o êxito desta exposição ultrapassou largamente as fronteiras do esperável, entendemos ser adequada uma referência mais dilatada. O catálogo editado, que para o efeito reúne um conjunto de artigos tratando temas de teor tiflológico, é um documento difusor de informação direccionada fundamentalmente aos cidadãos normovisuais, que guarda para os vindouros uma fotografia, ainda que pálida, do que fomos e somos. Ultrapassando este concreto objectivo, ele foi, a par dos materiais didácticos usados no passado e no presente, do conjunto documental expostos, sensibilizador da opinião pública, motivando o Museu Oriente a procurar-nos, tendo daí resultado a promoção da Exposição "O Oriente nas Pontas dos Dedos", denominação por nós sugerida, e despertando Bibliotecas Municipais, Escolas de Referência, Órgãos da Comunicação Social e cidadãos anónimos que nos solicitaram informação complementar, serviços, e nos ofereceram colaboração voluntária.

Logo na abertura da Exposição a moldura humana foi bastante reconfortante para todos os que se empenharam na organização deste evento, tal como o fora a alocação do Sr. Director-Geral da BNP, a presença do Presidente da ACAPO, de um bisneto do

Tiflopedagogo José Cândido Branco Rodrigues, do Dr. Filipe Oliva - Responsável da ALDV desde a sua origem até 2004.

Cumprindo o plano das comemorações do Bicentenário, o Vigésimo Aniversário da ACAPO, o Quinquagésimo da Fundação Raquel e Martin Sain e o Quadragésimo da ALDV, realizaram-se as respectivas celebrações, destacando-se, em Outubro, a da ACAPO, na qual não marcaram presença, por inexistência de convite, as Entidades promotoras das comemorações em curso.

Finalizando a missão que lhe fora confiada, a ADLV, a 2 de Dezembro (dia do seu aniversário), realizou no auditório da BNP o Seminário Temático que a Comissão havia programado, tendo, na sessão de abertura proferido alocações adequadas à realização em curso, o Sr. Director-Geral da BNP (Presidente da Mesa), o Responsável da ALDV, o Presidente da ACAPO e a Representante do INR (Dr<sup>a</sup> Ana Salvado).

À excepção do orador que com o Professor Augusto Deodato Guerreiro deveria apresentar o 1º tema, todos os convidados compareceram e prestaram o seu valioso contributo para que o evento tivesse marcado uma significativa comemoração do Quadragésimo Aniversário da ALDV, que foi abrilhantado pela presença e intervenção dos CTT que lançaram o carimbo de selo comemorativo do Bicentenário do Nascimento de Louis Braille, feito que se ficou a dever-se à ACAPO, que havia sido incumbida de o promover.

Praticamente, como referimos de início, as comemorações de aniversários, coincidindo todos com décadas submúltiplos de duzentos, processaram-se ao longo de 2009 de forma relevante, tendo, no entanto, a assinalar, para nosso desconforto, a inexistência do encerramento no dia 4 de Janeiro de 2010, com o lançamento de uma colectânea de textos de temática tiflológica já publicados por autores deficientes visuais portugueses, ficando este encerramento adiado, sine dia, já que o Gabinete de Referência Cultural, Entidade a quem fora confiada esta missão, não efectivou, por insuficiências imprevistas, o acto último do Ano em que Portugal se associou ao sentimento de universal gratidão ao cidadão francês que abriu aos seus iguais a acessibilidade primordial aos saberes que pouco a pouco conduzem à plena cidadania.

**Nºs 148-  
149 /  
Janeiro-  
Abril de  
2011**

Comemorado que foi, no decurso de 2009, o Bicentenário do nascimento de Luís Braille que, com a invenção do seu sistema de leitura e escrita, abriu para os deficientes visuais de todo o mundo a porta de acesso à escolarização, à educação, à cultura e, em última análise, à cidadania, que tarda a consumar-se, sendo mesmo para muitos uma miragem; celebrado no mesmo ano o Cinquentenário da Fundação Raquel e Martin Sain que alargou esse portal ao tornar possível em Portugal a reabilitação e o emprego, tal como o Quadragésimo Aniversário da Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal (ALDV/BNP) que ao longo de 4 décadas, às vezes contra ventos e marés, expandiu as vias de acesso aos conteúdos bibliográficos, à informação e expansão cultural, e ainda o Vigésimo Aniversário da Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO) Entidade que foi fundada para reorganizar e renovar o tecido tifoassociativo da Pátria Lusa; transposto 2010, ano em que se assinala o tímido e pouco promissor funcionamento do recém-criado Núcleo do Braille e Meios Complementares de Leitura e se assiste ao periclitante evoluir das Escolas de Referência, decretadas para corrigir a péssima prestação do sistema escolar em vigor desde que, na década de sessenta, foi declarada guerra às escolas que ao longo da primeira metade do século XX tinham realizado trabalho notável, surge 2011, ano em que se está a comemorar o Centésimo Quinquagésimo Aniversário do Nascimento de José Cândido Branco Rodrigues.

E se as comemorações que ocorreram em 2009 tiveram a motivá-las sucessos que aos deficientes visuais do mundo inteiro propiciaram uma subida de patamar no infinito conjunto de socalcos do progresso humano, 2011, para os portugueses, não é menos recheado de motivações que os contemporâneos deveriam sentir. Ele foi, nesta varanda debruçada sobre o Oceano Atlântico, o farol que rasgou as trevas do analfabetismo a que os cegos da sua terra estavam condenados.

Abraçando a causa destes, despojou-se da vida que, como cidadão pertencente às classes abastadas de Lisboa, poderia usufruir. Consumiu riqueza pessoal, ao dedicar-se como missionário na empresa que tinha por finalidade proporcionar luz interior aos que estavam privados da circundante externa. Ele foi o filantropo por excelência que na hora certa e no lugar exacto surgiu para desmatar e lavrar a terra onde ele próprio, liderando um escol do qual fazia parte, entre outros, o poeta João de Deus, a Brasileira Madame Vitorina Sigaud Souto, a Condessa de Palmela, lançou a semente à terra que de pronto frutificou entre nós.

Os seus contemporâneos apreciavam a obra e o obreiro numa escala de valores bastante mais elevada do que aquela com que hoje o reconhecem mesmo os que usufruem da sua abnegada entrega.

A título de exemplo, aqui referimos que Brito Camacho tanto o considerava que teria influenciado para que o seu nome constasse na toponímia de Aljustrel; Afonso Costa e outras figuras importantes da República eram visitas do seu Instituto de Cegos, situado em S. João do Estoril; dele, Aquilino Ribeiro assim escreveu:

"Sobre a enseada azul dos Estoris, numa casa de pequeno vulto, um homem que tem a magreza e a tez embaciada dos ascetas, levemente curvado, desta curvatura simpática dos santos-homens de Anatole -- o Senhor Branco Rodrigues -- entrega-se desde 1889 à tarefa messiânica de dar vista aos cegos.

"Não a vista óptica, certamente, que não pratica este filantropo a arte mágica das cirurgias, mas a vista espiritual, a segunda vista, tornando-os úteis neste mundo atulhado de inúteis e alargando e enriquecendo o palácio interior, plantado em plena noite, em que andam encarcerados.

"Ali, em face do infinito mar, tão ofuscante que só não ofusca os que nasceram com gota serena na alma, elevou por seu esforço, pedra a pedra, o Sr. Branco Rodrigues, a mansão carinhosa. Basta penetrar os umbrais para sentir o ambiente de família e de boa ternura cristã que ali reina. Modesto tudo, mas tão asseadinho, escarolado e branco, parece que estão, umas após outras, a romper ali auroras.

"Com efeito, naquele mundo de tristes, tudo nos mostra alegre. Até os próprios olhos fechados dos cegos, ou as suas órbitas brolando mortas e fitando-nos desvairadas, perderam aquele estigma que torna tão miserandos esses outros cegos que andam de pedintes pelos caminhos e pelas romarias. E o milagre, o grande milagre está menos em lerem tão correctamente como eu presenciei, um trecho do «Retrato de Ricardina», mas na serenidade, a boa disposição moral de que se acham possuídos. E é nisto que a obra do Sr. Branco Rodrigues se me afigura singularmente bela: não os instrui, apenas, forma-lhes uma alma com um hábitat, permita-se -me o termo, que os satisfaz.

"Talvez até que alguns sejam mais felizes do que nós que temos a faculdade de ver a vida tanto na sua face prazenteira como sinistra.

"E, de facto, alguns ceguinhos, não mais altos que uma bengala, riem e folgam como vitelos no prado; um deles canta as cantigas dos zagais e toda a sua fisionomia se enche do grande sol dos montes; um outro, que lê e escreve o francês tão proficientemente como um catedrático, tem um ar de suficiência, de amor próprio, dignos dum membro da Academia.

"Canta-se, solfeja-se, faz-se música; saem lufadas musicais por todas as janelas. Aquilo não é um hospício de cegos, é um grande ninho de pássaros.

"Esta casa é pequena para a obra que se realiza lá dentro. É pequena, para que se possa realizar a missão humanitária a que desde o início o seu fundador a destinou.

"É preciso aumentá-la, dilatá-la pelos terrenos livres que a ladeiam. Mas como realizar a ampliação necessária sem capitais? O Estado é pobre e vê-se assoberbado por uma pavorosa crise financeira.

"Acudam-lhe as boas almas, os que têm sobejos na sua economia, aqueles que têm o sentimento da humanidade sofredora.

"Os ditosos da vida, os que sentem o encanto das manhãs puríssimas e a melancolia do sol-pôr, que têm o dom inapreciável de mergulhar seus olhos em olhos amados, de mãe ou noiva, de admirar as maravilhas da criação,

reparem naquela casinha solitária à beira da estrada, sobre o mar, e dêem, dêem o óbulo, que todas as suas riquezas hão-de crescer, multiplicar-se, fabulosamente na terra e no céu."

Julho 2011

O Prémio Branco Rodrigues, administrado pela Biblioteca Nacional de Portugal, foi instituído no ano de 1976 pela Comissão Pró-Cinquentenário da Morte de Branco Rodrigues com o intuito de estimular entre os deficientes visuais o interesse pela actividade científica e literária, distinguindo o autor do melhor trabalho publicado em cada triénio.

Em nome do prestígio e da dignidade que se desejavam para o prémio, pretendeu-se entregar a sua administração a uma entidade pública. Mas as dificuldades inesperadamente encontradas, levantadas pela burocracia, foram tantas, que só em 1984 (e depois de se ter chegado a encarar também a possibilidade de a administração do Prémio ser confiada a um consórcio associativo), essa pretensão pôde ser alcançada. Foi meia dúzia de anos de diligências desenvolvidas sucessivamente junto da Fundação Gulbenkian, da Secretaria de Estado da Comunicação Social, do Secretariado Nacional de Reabilitação, da Biblioteca Nacional, das associações de cegos – Associação de Cegos Luís Braille, Associação de Cegos do Norte de Portugal e Liga de Cegos João de Deus, do Lions Clube Lisboa Mater e uma vez mais do Secretariado Nacional de Reabilitação e da Biblioteca Nacional. Finalmente, graças ao interesse com que o Director da Biblioteca Nacional – Professor Doutor Vitorino Magalhães Godinho – acolheu o assunto desde a primeira hora, esta entidade e os representantes das outras instituições parceiras na promoção das comemorações outorgaram, em 4 de Junho de 1984, um Protocolo de Colaboração que tem sido até hoje o instrumento legal enquadrador da administração e da atribuição do Prémio. Visando sempre o estatuto de dignidade pretendido, o Protocolo foi homologado pelo Ministro da Cultura, em 27 de Junho, e publicado no Diário da República, 2ª série, nº 294, de 21 de Dezembro de 1984.

Desde então até ao ano de 2000 foi o Concurso para a atribuição do Prémio aberto com a regularidade plasmada no respectivo Regulamento. Porém, desde esta data até 2008 não mais foi possível proceder-se à abertura do mesmo devido a factores de natureza financeira que provocaram um decréscimo substancial no capital que o suporta. Em 2008, contudo, foi possível realizar a oitava edição da sua atribuição, devido à recuperação 950 € concedidos para o efeito pelo Fundo de Fomento Cultural que a ACAPO retinha em sua posse desde 2002, e 5 000 € resultantes de uma cooperação da ALDV com o Clube dos Lions de Benfica.

Decorrido o triénio regulamentar, o Concurso foi aberto em 2011, ano em que se comemora o CL Aniversário do nascimento do insigne tiflopedagogo, tendo a ALDV em concertação com a Direcção da BNP programado a abertura do respectivo concurso, cumprindo as formalidades regulamentadas para esta edição, a nona. Procedeu-se à publicitação regulamentarmente exigível, constituiu-se o Júri, presidido pela Escritora Inês Pedrosa, tendo como vogais a Escritora Luísa Ducla Soares e o Professor Francisco Carvalho, Júri que, reduzindo significativamente os prazos mas cumprindo as formalidades estatuídas, decidiu por unanimidade galardoar a monografia

***“Os deficientes visuais portugueses:***

***sua acessibilidade à educação e à cultura desde***

***o advento do século xx ao dealbar do terceiro milénio”***

da Aatoria de Euluso de Nascimento (pseudónimo de Isidro E.  
Rodrigues.

A esta edição (a nona) do Concurso do Prémio Branco  
Rodrigues concorreram cinco autores que no total  
apresentaram nove trabalhos de carácter literário  
diferenciados.